

Cimi quer salvar a Ilha do Bananal

A Comissão Ilha do Bananal lançará na próxima terça-feira, dia 10, em Brasília, durante um ato público, na sede social da Ascad, uma campanha para promover um debate, a nível nacional, a respeito da crítica situação da Ilha do Bananal, "onde de sobrevivência de 1.500 índios Karajá e de quase 14 mil sertanejos está ameaçada pela falta de escrupulo da Funai em explorar seus habitantes — índios e sertanejos".

Ao anunciar, em Goiânia, o lançamento da campanha, Pedro Tierra, representante do Conselho Indigenista Missionário, explicou que essa comissão nasceu sob a inspiração de dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia, em função de uma série de problemas graves que vem se acumulando. Dessa comissão participam antropólogos, Cimi, Movimento de Defesa da Amazônia, Prelazia de São Félix do Araguaia, Universidade Católica de Goiás, Comissão Pastoral da Terra, parlamentares, Associação Nacional de Apoio ao Índio-Brasília, Sociedade Brasileira de Indigenistas e jornalistas.

FOLHETO

O folheto da campanha, que está sendo distribuído em todo o País, convoca à participação todos os que não pactuam com o lento genocídio do povo Karajá; todos os que reconhecem o direito dos sertanejos moradores da Ilha a um pedaço da terra para sobreviver; e todos os que ainda não perderam a sensibilidade humana e são capazes de se indignar com a devastação da Amazônia.

A Ilha do Bananal, diz o folheto, "já foi o paraíso dos Karajá, hoje é o paraíso do boi. Contra o Estatuto do Índio, a Funai arrenda as terras da Ilha aos grandes latifundiários da região e aos 14 mil sertanejos que hoje moram dentro do Parque Indígena". A Ilha é uma terra ameaçada: pelas 150 mil reses que passam por ela anualmente; pelos caçadores profissionais que exterminam a fauna e utilizam os próprios índios como instrumentos de destruição; pela irresponsabilidade do turismo depredador; pela estrada que ameaça atravessar o Parque Indígena com sua esteira de mutilações, misérias, epidemias e desintegração; pelo apetite dos grandes arrendatários que querem transformá-la num imenso campo de pastagem; pela destruição de suas matas que dão lugar a uma população sertaneja cada vez maior.

A Ilha do Bananal ainda está ameaçada pela reabertura do Hotel JK, que levará para dentro das aldeias a cachaca e a prostituição; pela completa insegurança dos sertanejos que não têm direito sequer à casa que construíram; e pelo campo de pouso explorado pela FAB e pela Votec, que converte os índios em serviços dos viajantes.

MAIOR DO MUNDO

A Ilha do Bananal é a maior ilha fluvial do mundo. Formada pelo Rio Araguaia, que, na altura do paralelo 13 se abre num braço menor — o Javaés — no limite dos estados de Goiás e Mato Grosso. É a maior reserva ecológica do Brasil Central, área de reprodução de inúmeras espécies animais, sobretudo pássaros. A Ilha está dividida em duas áreas administrativas. A reserva florestal, ao norte, administrada pelo IBDF e a área sul, onde se situa o Parque Indígena do Araguaia, sob o controle da Funai.

Na Ilha, vivem os karajá, os javaés e xambôá. "É o heróico sobrevivente dos massacres, das epidemias, da cachaca, da prostituição, essas armas dos civilizadores de ontem e de hoje. Cercados por todos os lados por fazendeiros, criadores, comerciantes, caçadores de peles, caçadores de gente, turistas, este povo resiste ao

lado do Araguaia, como quem se agarra a última fonte da vida" — acentua o folheto.

Segundo Pedro Tierra, os primeiros sinais Karajá estão nas cerâmicas de 12 mil anos encontradas no vale do Rio Vermelho. Ai eles viveram até a chegada do colonizador. Desde o século XVIII, a ponta de lança dos bandeirantes alcançou o território karajá. Situados no centro do país e recusando-se a fugir, foram cercados pelos civilizadores: em 1910, eles eram 10 mil; em 1948, quatro mil apenas. Trinta anos depois, são 1.500. Para eles não há dúvidas, a civilização chegou.

SERTANEJOS

De 30 anos para cá, no entanto, afirma Pedro Tierra, os sertanejos, expulsos da terra onde nasceram, chegaram à Ilha, vindos de Goiás, Mato Grosso e Maranhão. Hoje, eles são 14 mil, e destas 80 por cento são do Maranhão, onde a questão da terra é das mais problemáticas. O latifúndio os atirou sobre as terras dos índios. Desde 1969, a Funai passou a cobrar uma taxa de ocupação, que depois se transformou num imposto sobre o metro do arame esticado, sobre o metro quadrado construído e por cabeça de gado criada.

Acrescenta que no ano passado esse imposto era de quatro cruzeiros por metro de aram esticado, quatro cruzeiros por metro quadrado construído e 37 cruzeiros por cabeça de gado. Para este ano, a Funai aumentou para 10, 20 e 480 cruzeiros, respectivamente. Alegou que a Funai comete, claramente, uma dupla irregularidade com esse imposto: permite a entrada de não índios no Parque Indígena e converte essa irregularidade no meio de vida.

"Esse imposto além de ilegal é imoral. Ele foi criado, deliberadamente, para despejar os 14 mil sertanejos, pois a grande maioria não tem condições de pagá-lo" — afirmou Pedro Tierra. Segundo ele, outro problema é a insegurança desses sertanejos, pois eles estão conscientes de que não têm direito a indenização. Embora reconhecendo o direito dos karajá e Javaés às terras da Ilha, constantemente, eles se perguntam — para onde vamos?

PREOCUPAÇÃO

A preocupação das entidades pró-índio e os promotores da campanha é de assegurar o direito desses sertanejos em usar a terra; exigir que a Funai respeite e faça cumprir o Estatuto do Índio, devolvendo ao índio a terra que é dele; e assegurar uma terra para os sertanejos sobreviverem, pois do contrário, eles engrossarão a miséria nas periferias das cidades.

Assim, ressalta Pedro Tierra, "diante de toda esta situação, nossa opinião é a de que o Governo tem o dever de responder e procurar solução para este problema". A Ilha se converteu num imenso espinheiro. Ela foi devastada, como sua fauna e flora. Os poucos animais que sobraram são os pássaros e os jacarés, os demais estão em extinção. Os moradores reclamam dos turistas e das caravanas que chegam para destruir tudo. Os índios já não encontram mais as palmeiras, para fazer seus artesanatos. Mesmo diante dessa situação, índios e sertanejos têm a mesma identidade. Não existem conflitos.

Outro problema que contribuiu para a destruição da Ilha foram as enchentes deste ano, que levaram tudo: gado, casas, roças, etc. Essas enchentes correram por causa dos desmatamentos e das presenças dos grandes projetos agrícolas, próximos, que mudaram o curso do Rio Araguaia. Pedro Tierra afirmou também que duas estradas que estão sendo construídas em direção a Ilha, contribuirão também para seu fim. Uma que sai da região de Porangatu



Pedro Tierra diz que comissão é inspirada por Dom Casaldáliga



A ILHA HOJE

e Araguaçu e chegará a Barreira do Piqui e outra sai da Belém-Brasília alcançando a Ilha, na altura de São João do Javaé. Essas estradas representarão a extinção dos Karajá e dos Javaés e a expulsão dos sertanejos.

PRESERVAÇÃO

O folheto da campanha de preservação da Ilha do Bananal traz o seguinte texto: O Povo Karajá exige — a Ilha do Bananal continua e livre com seu habitat imemorial; a preservação da fauna e flora da Ilha como única condição de assegurar a sua sobrevivência no futuro; — que a Funai respeite e faça cumprir o Estatuto do Índio e retire todas as pessoas e grupos que exerce atividade econômica dentro do Território do Parque Indígena.

Os sertanejos exigem terras fora da Ilha para viver e trabalhar e o reassentamento nas áreas livres mais próximas da Ilha. Já a consciência nacional exige uma solução que responda com justiça os direitos dos índios e sertanejos da Ilha.